

“Austeridade pode levar País ao fundo do poço”

O professor Edmar Bacha, do Departamento de Economia da PUC-Rio de Janeiro, previu “uma recessão brutal” para o País, em 1983, caso se confirme a disposição do governo de reduzir em US\$ 6 bilhões as importações. Segundo suas estimativas as principais consequências serão “a contração da produção brasileira em torno de US\$ 18 bilhões e uma queda vertiginosa do PIB até 1984”.

Ele advertiu, no Rio, que, a menos que o governo mude os rumos de sua política econômica, “todo esse processo recessivo se transformará numa espécie de poço sem fundo, pois não se está fazendo uma recessão para preparar a rearticulação da economia brasileira, de modo a garantir novo período de crescimento. Estamos, isso sim, jogando uma cartada, na esperança de que, se recorrermos à austeridade agora, eventualmente a recuperação econômica internacional vai, de novo, nos carregar nos braços”, observou.

Essa posição é “tão perigosa”, que Bacha sugere que os meios de comunicação se mobilizem, “a fim de que a sociedade brasileira se dê conta da gravidade do processo econômico no qual está inserida e da falta de propostas positivas de ajustamentos por parte do governo”. Ele considerou que o governo “faz uma política de ajustamento negativo”, indicando-lhe que “proponha à sociedade um novo projeto de desenvolvimento, levando a sério o planejamento”.

Opondo-se ao argumento de que a crise internacional paralisou o País, tornando inviável uma recuperação da economia brasileira a médio prazo, afirmou:

“Já vivemos períodos semelhantes. Na época da Primeira Guerra Mundial, nos anos 30, até 1945, e no governo JK, nossa economia esteve também estrangulada pelo lado externo, mas, não obstante, encontramos o caminho, utilizando ao máximo a disponibilidade de recursos domésticos; explorando as potencialidades externas do País, continuamos crescendo, apesar de haver recessão”.

COMÉRCIO

Poderando não ser mais aceitável que o Brasil continue a ter seu crescimento subordinado às circunstâncias externas, impostas pelos países mais ricos, o professor pediu maior atenção das autoridades econômicas brasileiras para o comércio Sul-Sul: “A economia brasileira tem recursos, dimensão e capacidade para, por meio desse comércio, obter recursos que nos faltam, como petróleo, cobre e trigo, por exemplo — sem que isso signifique, necessariamente, gastos de divisas — desde que nos proponhamos a uma política de abertura mais audaciosa em direção à América Latina”.

Mesmo reconhecendo as dificuldades decorrentes da instabilidade política na maioria desses países, ele garantiu serem esses problemas muito meno-

res do que os gerados pela política monetária norte-americana: “Colocando cada questão num prato da balança, veremos, então, que, quando comerciamos com o Norte, ficamos sujeitos àquela política que, de repente, segue um curso que corresponde ao oposto de nossos interesses. O monetarismo provoca uma tremenda elevação das taxas de juros internacionais, uma queda nos preços de nossos produtos exportados e ainda cria dificuldades nos mercados do Sul, para os quais exportamos”.

Se é certo, como ele reconhece, que “uma política econômica argentina, fatalmente, afetará o comércio entre a Argentina e o Brasil”, ela não terá qualquer reflexo no México. “No entanto, sabemos que os países do Sul não estão importando mais produtos brasileiros, não porque não querem, mas porque lhes faltam moedas fortes, um reflexo da política praticada no Norte”.

NÍVEL DE ATIVIDADE

Aprofundando a análise do quadro econômico interno — “baseado nas informações que as autoridades vêm prestando nos últimos 15 dias” — o professor Bacha acredita ser plenamente viável antecipar suas consequências, a partir das seguintes observações:

“Se vamos ter de provocar um superávit de US\$ 6 bilhões, mediante cortes nas importações, por meio de restrições aos investimentos das empresas estatais, a primeira coisa é saber: quanto em investimentos teremos de cortar para reduzir as importações em US\$ 6 bilhões e que consequências isso terá para a economia interna? Por um lado, se terá uma redução de importações de bens de capital diretamente e, indiretamente, uma redução das importações de bens intermediários e matérias-primas, na medida em que, ao caírem os investimentos, se reduz o nível de atividades internamente, e isso provoca uma menor demanda de bens importados”.

Como, para cada dólar economizado, será preciso reduzir o nível de atividade interna num valor — em cruzeiros — equivalente a US\$ 3, “então, se quisermos atingir uma redução de US\$ 6 bilhões nas importações, precisaremos contrair a produção interna em algo em torno de US\$ 18 bilhões”.

Lembrando que US\$ 18 bilhões representam cerca de 6% do PIB brasileiro, o professor Bacha afirma que o comportamento da economia, a partir do ano passado, o leva a temer que “chegaremos a 1984 com o PIB quase 11% menor do que em 80; e se considerarmos que a população cresceu cerca de 6%, comparando tudo isso em termos de produção *per capita*, vamos chegar ao início de 1984 com um produto *per capita* 17% menor do que o de 1980. É inegável, portanto, que esse quadro configura uma situação extremamente grave para a economia brasileira”.